

O RÁDIO MULTICULTURAL NA NOVA ZELÂNDIA: BRASILEIROS NA OCEANIA



[GT1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE]

Carlos Augusto Tavares Junior

Escola de Comunicações e Artes (ECA - USP), São Paulo, SP

Luciano Victor Barros Maluly

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O presente trabalho faz parte da pesquisa de pós-doutorado na Universidade de São Paulo que estuda o rádio como ferramenta de integração multicultural entre Brasil e Nova Zelândia. Este artigo aborda três entrevistas realizadas em 2020 com produtores culturais brasileiros que possuem programa de rádio em emissoras comunitárias: Maya Hasegawa (Free FM - Hamilton), Eduardo Meireles (Radio Vox Brazil - Wellington) e Alda Rezende (Wellington Access Radio) sobre como os programas têm abordado a questão multicultural presente no rádio multicultural e multilíngue neozelandês. Essas entrevistas foram realizadas na tipologia estruturada com perguntas abertas por meio da metodologia da pesquisa qualitativa. Essas experiências ocorridas na Nova Zelândia têm a finalidade de listar sugestões para fomentar futuras produções radiofônicas no Brasil e América Latina com base na abertura da diversidade cultural dos povos e da integração por meio do rádio.

Palavras-chave: Brasil e Nova Zelândia. Multiculturalismo. Rádio. Comunicação. Diversidade cultural.

This essay is a part from the post-doctorate research which studies the radio as multicultural integration tool between Brasil and New Zealand. The following article fetchs three interviews conducted at 2020 with the following cultural producers who have programs in community radio broadcast: Maya Hasegawa (from Radio Free FM - Hamilton), Eduardo Meireles (Radio Vox Brazil - Wellington) and Alda Rezende (from Wellington Access Radio). They also deal how the radio approaches several multi-cultural and multi-language scenarios on New Zealand. These interviews were made on semi-structured pattern set by the qualitative research method. Their experiences have the objective to list suggestions for fostering future radio productions on Brazil and Latin America from opened cultural diversity from these people and their integration by the radio.

Keywords: Brasil and New Zealand. Multiculturalism. Radio. Communication. Cultural diversity.

El presente trabajo integra la investigación postdoctoral que estudia la rádio como herramienta de integración multicultural entre Brasil y Nueva Zelanda. Este artículo aborda três entrevistas ocurridas en 2020 con productores culturales brasileños que poseen programas de rádio en emisoras comunitarias: Maya Hasegawa (Free FM - Hamilton), Eduardo Meireles (Radio Vox Brazil - Wellington) y Alda Rezende (Wellington Access Radio) sobre como los programas han tratado de las cuestiones multiculturales y multilingüe en Nueva Zelanda. Las entrevistas fueran realizadas por la metodología cualitativa, con cuestiones semiestructuradas y preguntas abiertas, con la finalidad de reunir sugerencias para fomentar futuras producciones

de rádio en Brasil y en Latinoamérica a partir de la abertura de la diversidad cultural de los pueblos y con la integración a través de la rádio.

Palabras clave: Brasil y Nueva Zelanda. Multiculturalismo. Rádio. Comunicación. Diversidad cultural.

Introdução

Desde a publicação do livro *The Radio Years: a history of broadcasting in New Zealand* em 1994, o professor da Universidade de Auckland Patrick Day já assinalava a importância dos estudos de mídia sonora na Nova Zelândia, desde a chegada do rádio em 1925 na cidade de Hamilton, especificamente em Waikato. Nas palavras de Day (1994, p. 314):

“foi uma grande e agradável ocasião social com a presença de todas as pessoas [de Waikato], embora a recepção de rádio era tanto quanto nenhuma voz ou nota de música tivesse sido ouvida. Era o início dos anos de transformação sobre como o rádio mudaria radicalmente o interesse da sociedade”. (Tradução nossa).

Outro fator de destaque consiste na legitimação do idioma nativo, maori, em 1987, possibilitada por meio da Lei de número 176 com reconhecimento da língua maori que, por sua vez, foi substituído pela lei do idioma maori (2016, número 7)¹. Em termos de radiodifusão algo semelhante só ocorre em dois países latino-americanos: Paraguai e Bolívia, que também reconhecem seus idiomas nativos, como o quéchua, aymara e guarani.

No bojo desta discussão, o pesquisador argentino Daniel Prieto Castillo publicou em 1986 um estudo sobre *Comunicadores en idiomas nativos*. O trabalho constitui-se na produção e veiculação de programas em

quéchua na emissora boliviana La Voz de los Andes. De acordo com Prieto Castillo (1986, p. 56):

Aprendí que cuando existe voluntad de trabajos que cuando un grupo se lanza a una labor creativa, un proceso educativo requiere de mayores refinamientos. Y algo más, lo fundamental sin duda: la fiesta del lenguaje. Brotaron poesías, leyendas, relatos, bromas, juegos de palabras. Una capacidad que regocijarse con el lenguaje que tan poco asoma en nuestras aulas universitarias [...] Fue la experiencia educativa más rica que me haya tocado vivir.

De maneira incisiva, a tarefa apresenta desafios experimentais tanto no Brasil quanto ao fato de se trazer ao contexto da radiodifusão latino-americana e, para salientar esse propósito, a troca de experiências com a mídia sonora neozelandesa, surge a oportunidade para a realização de novos projetos para o rádio contemporâneo, que consiste na realização de experimentos com por exemplo, o projeto realizado em 2015 pelo conglomerado de mídia Disney, no qual a jornalista Eleanor Ainge Roy, do periódico britânico *The Guardian* constata o renascimento do maori como língua materna no *mainsstream* do canal neozelandês, com produtos para consumo no Netflix. Na mesma matéria, Roy entrevista John McCaffery, professor de letras da Universidade de Auckland (2018²), que observa:

¹ Informação disponível em: <https://www.legislation.govt.nz/act/public/1987/0176/latest/DLM124116.html>

² Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jul/28/google-disney-maori-new-zealand>

Nos últimos três anos, realmente tem sido comovente, Maori se tornou *mainstream* [...] O que temos visto é uma clara indicação de que o status e prestígio da linguagem tem aumentado dramaticamente e pesquisas mostram que isso é um dos indicativos principais se crianças e jovens terão interesse e se comprometerão a aprendê-la³. (Tradução nossa).

Brasileiros no rádio neozelandês

Além dos exemplos citados até o momento, emergiram-se as seguintes necessidades que ocasionaram a consultar brasileiros que atuam no rádio da Nova Zelândia:

- A pandemia da doença Covid-19 em âmbito global, impactando nesse trabalho como o adiamento da visita *in loco* às comunidades maori e às emissoras de rádio na Nova Zelândia;
- Torna-se impraticável estudar de modo analítico uma cultura diferente como a maori por meio da conferência via *web* à distância, único meio possível diante do fechamento dos aeroportos em 2020, principalmente quando nenhum

outro contato havia sido realizado desde o início desta pesquisa;

- Os brasileiros que imigraram para a Nova Zelândia e atuam no rádio também têm um papel importante para o mapeamento da produção local diante do principal componente: existe espaço para a transmissão a partir de idiomas não nativos em emissoras comunitárias.

Para salientar esse exemplo a Wellington Access Radio, sediada na capital neozelandesa, não aparece apenas como uma rádio comunitária, mas um serviço controlado com o respaldo do governo daquele país por meio da Lei de Radiodifusão (1989, n. 5) cujo destaque envolve especificamente a Comissão de Radiodifusão para as seguintes atribuições, conforme o artigo 36, parágrafo 1, inciso 3, linha 5:

A principal função das Comissões são: [...] manter e ampliar a cobertura da transmissão radiofônica e televisiva às comunidades da Nova Zelândia que, de outra forma não receberiam um sinal comercialmente viável e [...] para garantir que um limite de transmissão esteja disponível para atender aos interesses de [...] minorias nas comunidades, incluindo minorias étnicas e estimular uma série de transmissões disponíveis para [...] encorajar o estabelecimento e operação de arquivos de programas de interesse histórico para a Nova Zelândia⁴.

3 No original, em inglês: "It has been really dramatic, the past three years in particular, Māori has gone mainstream [...] What we're seeing is a clear indication that the language's status and prestige has risen dramatically and research shows that is one of the key indicators of whether children and young people will be interested and committed to learning it".

4 Tradução nossa. Disponível em: <https://www.legislation.govt.nz/act/public/1989/0025/latest/whole.html#DLM158011>

Desse modo, a produção de programas por imigrantes brasileiros não se restringe à web, mas em canais comunitários. A fim de desenvolver uma análise sobre a atuação dessas pessoas na mídia sonora neozelandesa, foram selecionadas as seguintes atrações:

- Programa *Kia Ora Brazil*, apresentado por Maya Hasegawa na Free FM (Hamilton);
- Rádio Vox Brazil, coordenada por Eduardo Meireles, voltada essencialmente a imigrantes brasileiros na Nova Zelândia;
- Latin Club, iniciativa artística realizada pela cantora Alda Rezende, com transmissão na Wellington Access Radio.

O programa *Kia Ora Brazil* possui a típica formatação do *talk show*, com entrevistas a convidados, voltado ao segmento da prestação de serviços e utilidade pública. Apresentado por Maya Hasegawa (2020), formada em biomedicina pela Universidade de São Paulo e também atriz e radialista, o programa:

Me motiva, assim como muitas comunidades no Brasil que a gente vê é a necessidade da população daquele grupo em que eu estou inserida por exemplo até um tempo atrás a gente tinha uma brasileira chamada Juliana, ela é uma cadeirante tem lúpus e de acordo com a lei de imigração da Nova Zelândia uma pessoa com algumas doenças crônicas não tem direito ao visto de residência. Durante a pandemia ela teria o seu visto cancelado isso porque ela já está há mais de 15 anos na Nova Zelândia morando com a

sua família né ela tinha pedido antes o visto então eles deram o visto para ela como temporário e ela trabalha ela tem um salário altíssimo quem é que ganha se ela mais do que 38 dólares a hora e o salário mínimo daqui da Nova Zelândia são as que 17 alguma coisa assim por hora ela pega 38 hora então não é um salário meia-boca ela é qualificada, tem pós-graduação mas ela [continua] contribuindo pagando imposto desse jeito e a Nova Zelândia ia mandar embora. Eu através da Rádio [Free FM] conseguimos fazer uma campanha em que a gente coletou trocentas [centenas de] assinaturas no abaixo-assinado para que ela ficasse na Nova Zelândia e, a partir do momento que eu vi o quanto o meu trabalho conseguiu ajudar esta moça e ela conseguiu a residência acho que isso me motivou muito e mais muito então eu acho aqui essa questão lógica como eu falei a rádio comunitária no Brasil também tem para fazer esse tipo de coisa de promover e ajudar a fazer campanha para a comunidade local mas aqui na Nova Zelândia você vê que o governo incentiva e ajuda né ainda mais agora nesse momento da pandemia que ele chegar e falar que vocês precisam de ajuda da Cruz Vermelha, etc. faz é: divulguem nas rádios é esse momento que eles vêm cobram da gente assim a sua comunidade sabe que eu tenho que fazer então.

Hasegawa também conclui que seu trabalho em rádio demonstra uma experiência singular porque:

como eu falei eu sair do Brasil mas eu não tive experiência de rádio no Brasil a minha Rádio é tudo aqui é uma das coisas que eu queria saber por quê é uma das

coisas que eu queria saber por exemplo é esse em termos de mídia digital além do *podcast* já tem alguma rádio digital como por exemplo eu não há para além de rádio na América do Norte eu acho que então como eu falei a própria Vox Brasil ela é não é uma rádio digital se você ouvir aula online o tempo todo e eu digo assim tipo é ela tem propagação de uma onda também ela tem antena tem a proposição analógica vai por onda e ela também é uma web rádio descobrisse se ela tem também tem o acesso via internet.

Ao mencionar a emissora Vox Brazil, surge a necessidade de descobrir como ocorre a atuação da referida estação com a programação inteiramente em português, voltada para os imigrantes brasileiros na Nova Zelândia. A entrevista ocorreu por meio contato com o diretor da Vox Brazil, Eduardo Meireles (2020), também conhecido como *Eddie*, um radialista brasileiro, de Goiás, com experiência na implantação de redes de rádio brasileiras nos Estados Unidos:

Às vezes acontecem surpresas que ninguém está preparado e nessas empreitadas eu fiquei desempregado, minha namorada na época; hoje a minha esposa tinha ficado grávida eu falei caramba mexer agora como é que eu vou fazer eu preciso de ir eu preciso de fazer alguma coisa. E aí foi um mês mais ou menos de de incerteza tal e eu falei claro vamos fazer o seguinte agora nos Estados Unidos o meu sogro mora lá e falei: deixa que eu vou, vamos lá e ela estava quase terminando o curso psicologia falei ah vamos vamos tentar porque aqui tá tá difícil [...], a gente não tá virando e eu não tenho proposta nenhuma então não

sei como vai ser então. Essa conversa de vamos para os Estados Unidos está nos Estados Unidos foi exatamente em 34 dias a gente organizou tudo em 34 dias aí a gente foi mesmo lá nos Estados Unidos sem conhecer nada... O meu inglês [...] eu tenho que aprender eu tenho que aprender a aprender e aí é o que que eu fiz; trabalhei em tudo quanto é tipo de serviço mas o rádio não saiu de mim... E o rádio continuou: está no sangue então tem como e enfim na cidade que eu morava numa cidade próxima que se chama Firmino que é a maior comunidade brasileira fora do Brasil existe uma emissora de rádio que é a WSR650 e lá é funcionava assim você pega e aluga o horário [...] Então, quando eu cheguei lá tinha um cara que era meu ou gente na época eu trabalhava na rádio Araguaia FM lá em Goiânia. E aí eu liguei para o cara e falei: mano me dá uma oportunidade aí como é que eu esquema de começar a rádio aí [...] Mas eu falei com quem eu vou lá nessa emissora tal e, quando eu fui lá a diretora na época viu a minha paixão [pela profissão], ela gostou de mim ela falou: não é pelo seus anos experiência não. Vem para cá, está bem? E aí para mim quando comecei a fazer a rádio lá e locutor, daqueles profissionais só tinha eu [...] Aqui também era uma outra emissora que tinha programas brasileiros e hispânicos a 650 que ela tem emissoras brasileiras a emissora brasileira história que tinha umas quatro emissoras na grande Boston com programas brasileiros mas ele não consegui espaço neles e ele falou cara eu conheço um cara que é dono de rádio ele quer alugar uma rádio E é só que eu não sei fazer eu tenho dinheiro né Eu tenho um A partir na feira mas eu não sei fazer você não quer me ajudar eu falei post aí

você né aí você mexeu comigo e aí o que que a gente fez eu falei cara então vamos pensar Vamos pensar então numa coisa para a gente fazer porque a gente alugar uma rádio gente tem que ter conteúdo se alguma rádio tem que ter conteúdo é uma rádio é aqui 1570 AM e é uma essa rádio ela é muito interessante porque ela era ela é 50 mil watts de potência durante o dia e à noite ela caíria para 75 watts só que é o dono da Rádio ele deixava o esse outras pessoas já rádio tem ela ele tem um aplicativo que você através do seu celular se aumenta aqui diminui a potência então Dias específicos por exemplo final de semana principalmente deixar pra gente colocar mais ele falou: cara, eu não me responsabilizo; o contrato está no nome de vocês então, tipo assim, faça o seguinte: eles têm uma rádio no Canadá que era a mesma frequência 1570. [O sinal ia] longe mas ela pegava lá em Boston, só que essa rádio que a gente a gente arrendou a aqui 1570 ela também ela o transmissor dela ficava perto do do mar então assim é a maioria da transmissão ia para o oceano então quando a gente fazia por exemplo final de semana que colocava deixava um negócio no 50 mil a noite toda e recebi a cartas de gente da do outro lado é na Europa toda cara eu sou daqueles caras que sintonizam rádios e aí eu pego e grava as coisas que eles moravam cartas ele só cara eu escutei isso aqui ó Então eu queria que você desse o adesivo da rádio só para confirmar que vocês receberam. Então falei: cara, vamos fazer uma rádio profissional e aí os meus anos de experiência que eu te digo eu passei pelo Brasil e fiz grandes amigos, eu falei: cara, vamos trazer uma aqui do Brasil para cá vamos fazer uma afiliada e foi aonde eu consegui te levar a

Transamérica para Boston, foi a primeira afiliada da Transamérica fora do Brasil e eu acho que rádios de rede [tem que ser] no Brasil acho que nenhuma outra emissora acho que talvez não tenha um tem lá em Portugal mas nenhuma outra emissora tinha afiliada fora do país. E aí eu peguei entrar em contato com o pessoal conversei tá aí a gente organizou e finalmente conseguimos levar a Transamérica para Boston, então a Transamérica a gente conseguiu então ser afiliado lá. E aí estava tudo indo bem: você sabe que quando é tudo vai bem: você tem milhões de amigos, milhões de milhões de companhias e todo mundo quer trabalhar com você. Aí eu sempre fui muito realista: cara, é um projeto que está começando agora e retorno financeiro, até agora, não vi nada cara porque isso aqui... É um projeto que vai virar mas não tem nada não tem nada não tem não tem quase anunciante e é só eu mesmo.

Mas o trabalho com diferentes parceiros comerciais também acarreta em futuros problemas. Meireles explica que:

E aí a Transamérica ela fez história lá nos Estados Unidos e a gente cobriu vários eventos estamos shows lá e todo mundo era apaixonado pela marca. Tudo que a gente levava para fazer sorteio todo mundo pegava né informe não tem uma festa junina que acontece é uma vez por ano e na igreja de São Tarcísio e na época lá dava sete e dez mil pessoas nesse evento e fizemos transmissão de lá ao vivo o tal então a gente não vou ninguém conhecia. Aquilo é tudo que tudo que a gente fez, então as pessoas pegaram os adesivos colocavam no carro, pegavam camisetas e faziam questão de usar o

chaveiro [da rádio], essas coisas então. Fez história infelizmente acabou porque a pessoa que ajudou [mais] a rádio estava envolvida num esquema de pirâmide financeira chamava a TelexFREE e eu não sabia e aí já tinha mais ou menos uns seis meses de rádio; já desisti às vezes e ela já tinha mais ou menos uns 30 anunciantes. E aí o dia o cara falou assim não tem mais condição de ficar de pagar rádio ou a TelexFREE quebrou eu falei para você não sabia se eu soubesse eu não tinha entrado nisso jamais que ia colocar meu nome neste tipo de coisa mas, enfim, eu não sabia [...] Eu tinha satisfações para dar para Transamérica e os anunciantes, mesmo ainda assim tentei. Cara... eu tentei ficar ainda com essa rádio mais uns três meses a gente foi correndo atrás correndo atrás de mais anunciantes, mas chegou num ponto que a minha saúde psicológica começou a não funcionar, a saúde do meu casamento já estava indo para o espaço por conta desse negócio. Aí foi quando um desses amigos que eu tenho amizade até hoje, o Alex Colombini falou: cara... eu sei que você está passando dificuldade aí tal é mas eu conheci um pessoal aqui que tá interessada em arrendar uma emissora que é o pessoal da Nossa Rádio, aquele RR Soares aquele Apóstolo RR Soares [...] Então vamos fazer Transamérica continuar durante uma semana e a gente vai avisando que a partir da semana que vem a coisa, vai mudar e tal. Só que ele foi muito radical assim que ela assinou contrato no dia seguinte ele mudou a programação da rádio. Então ninguém entendeu nada com coisa nenhuma porque saiu do Zezé di Camargo e Luciano e entrou para uma Eyshila por exemplo se for aí né mudou a programação da noite para o dia então

com os anunciantes também fica ruim [...] Nunca foi problema enfim a gente ficou lá eu fiquei lá na trabalhando com eles fazendo uma rádio Gospel a gente eu fiquei ainda mais um ano trabalhando com eles lá e aí eu voltei para a 650.

Para Meireles, o interesse na Nova Zelândia surgiu de maneira inusitada:

Eu tenho um cunhado que mora na Nova Zelândia e ele servia falando: cara, venha para a Nova Zelândia. Nova Zelândia lindo[a] e a comunidade brasileira que está crescendo. O que você acha de vocês virem para cá. Vem passar uma temporada aqui com a gente. Eu falei se seria nesse o tempo de ter uma **web** rádio em casa: é o meu o momento de lazer de é o meu momento que eu que eu fico bem nessa estrutura. Já tinha montado ela lá na minha casa porque tem rede de rádio demais de Goiás, também em Goiás São Paulo tem [a Rede Pai Eterno, do] padre Padre Robson. Ele montou essa rede de rádio me convidou. Aí eu fazia ao vivo lá na minha casa: bom dia lá dos Estados Unidos para o Brasil, a gente faz um programa diário ao vivo. Então tinha essa estrutura lá em casa estava pronta, parado e, eu falei: cara, vou montar alguma coisa para mim aqui para falar um pouco para não ter o que fazer e aí eu montei essa estrutura; eu queria a Vox Brazil, uma rádio que é a menina dos meus olhos, tipo, era uma coisa que eu fiz do meu jeito com a minha cara é uma rádio vai falar para os brasileiros que estão aqui. Ia tentar lá e aí se não der certo a gente volta dos Estados Unidos e tal e aí a gente pensou fez o projeto durante um ano. A Nova Zelândia realmente é um país incrível só Nova Zelândia é

maravilhosa. Enfim, aprendemos uma nova cultura; aprender a dirigir do lado esquerdo, a mão inglesa, como se diz, é um outro tipo de inglês: cara, o inglês neozelandês é uma coisa inexplicável sabe é uma coisa inexplicável! Um amigo lá dos Estados Unidos colocaram como é que o inglês daí eu falei cara essa você pega um um cara lá do meio do Texas e aí mistura com o australiano, o resultado da o inglês neozelandês; mas é um povo muito agradável.

Alda Rezende era jornalista em Minas Gerais e, quando decidiu se mudar para a Nova Zelândia, optou pela realização de pequenos projetos. Atualmente se tornou uma referência no cenário musical ao interpretar canções brasileiras na Nova Zelândia. Rezende (2020) disse que o contato profissional com rádio ocorre desde a universidade:

[...] começou como uma Rádio Universitária, a rádio existiu como como a como Rádio Universitária do curso. E aí, depois de muito tempo é comprada por alguns dos estudantes que começaram a rádio e depois disso tudo ela não conseguiu sustentar, mas ela virou um ícone da cidade, muito um símbolo cultural da cidade. Lá vieram muitas pessoas em socorro a essa rádio e daí formaram uma organização sem fins lucrativos e de caridade. E fizeram também uma espécie de vaquinha duas vezes e para rádio sair do buraco que estava nas dívidas que tinha os radialistas que trabalham lá diariamente são pagos e quem faz como eu o que eles chamam de fecha o show. No meu caso é o programa de uma *music on*. E aí a gente é voluntário, todos nós somos voluntários e esses programas

acontecem nos fins de semana e também a noite. É um espectro enorme de pessoas, tem gente que está lá desde a fundação está há quase quarenta. Eu estou [na Nova Zelândia há] 14 [anos], mas tem gente com programas feitos por estudantes da escola secundária [...]. No meu programa que se chama Global Pool já existia muito antes de mim. Nós somos [produzimos o programa em] três que se revezam. O programa é no nosso domingo de manhã à de 8 às 11 horas. É um programa musical, de World Music. Pessoalmente é legal que tenha outras pessoas porque o programa fica mais diverso ainda. Eu procuro fazer uma interação entre o que é fácil de ouvir mesmo que não seja que não é conhecido é diverso. Na minha opinião tem qualidade, mas que as pessoas vão facilmente gostar e volta e meia o programa desafia: mas não pode espantar o ouvinte.

Alda Rezende também destaca a importância da qualidade no trabalho voluntário no rádio neozelandês:

Tem gente aficionada em World Music e gente muito jovem. Então o programa é bem diverso e amplo e não tem nenhuma interferência da direção da Rádio. Ninguém me paga, mas também eu estou lá porque eu quero. Então o nosso pagamento é passar a música que eu gosto pelas pessoas e obviamente eu toco mais música Latina do que qualquer coisa. Por quê? Porque eu conheço mais coisa e para mim é muito interessante também porque eu tenho que pesquisar isso me faz estar sempre ligada na música que se faz no mundo especialmente no Brasil e até na cena de onde eu venho, de Minas Gerais é uma dúvida que eu

tenho é seguinte o critério de World Music que você utiliza é parecido com aquele de dar um olhar alternativo que que assim só cantores e outros países que não têm visibilidade no cenário, por exemplo de *mainstream* e, para eu ouvir música é música terrestre... Eu acho que é um termo extremamente amplo eu toco desde música tribal ou a de monge zen-budista até um bolero antigo até música eletrônica experimental.

Alda Rezende também discute a questão multicultural – um tema recorrente no quesito da diversidade cultural ao tangenciar a coexistência e coabitação de diferentes povos num local em comum – e, com base na experiência como imigrante brasileira, ela relembra:

Quando eu cheguei aqui a Nova Zelândia a princípio é por princípio né é um país bicultural né os maori e os pakeras⁵ esse biculturalismo só que a e eu senti essa diferença assim essa mudança muito nesses eu moro aqui há 17 anos e e o e frequenta aqui não comecei a vir para cá há 20 anos e antes era super-raro achar alguém que falasse espanhol já tinha muito asiático, da Ásia inteira, gente de outro país mas era muito raro achar pessoas falando espanhol e português na rua. Agora, por exemplo eu trabalho durante o dia alguns dias por semana numa empresa de internet e o espanhol agora é a língua mais requisitada. Ou seja, é uma coisa que cresceu assim, com isso a presença de latinos aqui na Nova Zelândia mas é e não só de latinos, mas de

uma diversidade maior de europeus e de africanos. Então o eu acho que esse múltiplo multiculturalismo pegou de umas pessoas, pegou muita gente. Porque até então existia ser dicotomia do maori do pakera e de repente de um monte de outras coisas que não são os pakera e como conjugar isso com essa com esse com princípios do do Tratado de Waitangi? Então isso é uma uma mudança, uma coisa que eu acho muito interessante e a cultura neozelandesa. O país é muito novo tudo aqui é muito maleável sabe é por exemplo não só culturalmente [...] Eu acho que isso não existe em lugar nenhum outro do mundo um povo indígena que conseguiu a duríssimas penas preservar a sua cultura, a sua língua que quase morreu e agora está começando a ter um movimento pelo ensino do Te-Reo [idioma, em maori], a língua maori nas escolas primárias. E eu acho certíssimo e porque é uma língua nativa.

Considerações finais

O rádio, como estratégia comunicacional, possibilita uma função de agregar diferentes conteúdos em diversos nichos sociais. Entretanto, torna-se fundamental ressaltar a necessidade da adaptação, tema recorrente das entrevistas, principalmente no quesito da imigração brasileira e nas propostas levantadas pelo Relatório da Unesco *Invertir em diversidade cultural*, decorrente da complexidade que tangencia o convívio e a coabitação.

Desta forma, as falas dos brasileiros que atuam no rádio neozelandês

⁵ Palavra maori designada para fazer referência a uma etnia externa. Em termos generalistas, corresponde à expressão “cara-pálida” utilizada por indígenas no Brasil.

expressaram a tênue articulação do multiculturalismo em um aspecto simplificado, em comparação ao convívio multicultural entre neozelandeses e maoris – por serem brasileiros e atuarem junto à sociedade neozelandesa por meio do rádio. Tais aspectos assinalados como singelos demonstraram tópicos importantes a serem considerados na aproximação multicultural por meio do rádio: envolvimento governamental, como a Lei de Radiodifusão da Nova Zelândia ao assegurar como prioridade as manutenções dos direitos à informação e à representatividade no rádio, por meio das emissoras comunitárias, ressaltando-se a cláusula da abrangência de cobertura e a obrigatoriedade de envolver não apenas a sociedade civil, mas abrir espaço para as minorias.

Com isso, o rádio neozelandês coexiste com rádios via *web* com uma proposta de abordagem semelhante e, ao mesmo tempo, assegurando-se a expressão da multiplicidade cultural, como por exemplo, a liberação da transmissão de programas produzidos por imigrantes direcionadas à comunidade local no idioma falado por essas pessoas. No que abrange as discussões de facilitar o acesso multicultural à comunicação, o rádio neozelandês apresentou uma iniciativa assinalada com a mesma viabilidade quando o pesquisador Daniel Prieto Castillo se deparou com a emissora de rádio *quéchua* na Bolívia. Ambas as experiências destacadas se constituem de referência importante para produzir iniciativas de comunicação viável, no rádio comunitário eletromagnético no Brasil, para abrir espaço à diversidade étnica, principalmente dos indígenas que poderiam se comunicar em seu próprio idioma nativo.■

[CARLOS AUGUSTOTAVARES JUNIOR]

Pós-doutorado da Escola de Comunicações e Artes (CJE - USP). Doutor em Ciências da Comunicação (USP, 2019). Mestre em Ciências da Comunicação (USP, 2013). Especialista (*latu sensu*) em Mídia, Informação e Cultura (CELACC-ECA-USP, 2011). Bacharel em Comunicação Social (hab. em Radialismo - Unimep, 1999). E-mail: carlostavaresjr@alumni.usp.br

[LUCIANO VICTOR BARROS MALULY]

Livre-docente (USP). Pós-doutor em Comunicação (UMINHO). Doutor em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP). Mestre em Ciências da Comunicação (UMESP). Professor da Escola de Comunicações e Artes. E-mail: lumaluly@usp.br

Referências

BALSEBRE, Armand. "A linguagem radiofônica". In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular/UFSC, 2005.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La rádio en internet**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

HALL, STUART. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOWE, Jeff. **O poder das multidões: porque a força do coletivo está remodelando o futuro dos negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MATSUURA, Koichiro. **Invertir en la diversidad cultural y el diálogo intercultural: informe mundial de la UNESCO**. Informe Mundial de la Unesco. Paris: ONU, 2010.

McLUHAN, Marshal. "Rádio: o tambor tribal". In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. I. Florianópolis: Insular/UFSC, 2005.

PRIETO CASTILLO, Daniel. Bolivia: comunicadores en idiomas nativos. **Revista Chasqui** n.18, p. 54-56. Quito: CIESPAL, jun, 1986.

Websites

FREE FM. **Kia Ora Brazil**. Disponível em: <https://www.freefm.org.nz/Programmes/Details.aspx?PID=bb07de6b-0704-436c-945f-8074af262876>

NEW ZEALAND. **Māori Language Act 1987**. Disponível em: <http://www.legislation.govt.nz/act/public/1987/0176/latest/DLM124116.html>

NEW ZEALAND. **Broadcasting Act 1989**. Version as at October 28, 2021. Disponível em: <https://www.legislation.govt.nz/act/public/1989/0025/latest/whole.html#DLM158011>

NZ ON AIR. **Diversity Report 2020**. Disponível em: <https://www.nzonair.govt.nz/research/diversity-report-2020/>

NZ ON AIR. **Community Access Radio**. Disponível em: <https://www.nzonair.govt.nz/about/our-funding-strategy/community-access-radio/?fbclid=IwAR29EdJ7p6-g38zu5fi4rzsJX0CV6jhjwTgaFIbnoT2-Ayn6cklaQwBSCEs>

NEW ZEALAND COMMUNITY ACCESS MEDIA ALLIANCE. **What is Access Media.** Disponível em: <http://www.cama.nz/>

RADIO VOX BRAZIL. Disponível em: <https://radiovoxbrazil.com/>

WELLINGTON ACCESS RADIO. **About us.** Disponível em: <https://www.accessradio.org.nz/contactabout.html>

Documentos sonoros (entrevistas)

HASEGAWA, Maya. Entrevista: Maya Hasegawa [set. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. WAV (177,4 min.).

MEIRELES, Eduardo. Entrevista: Eduardo Meireles [dez. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. WAV (50,5 min.).

REZENDE, Alda. Entrevista: Alda Rezende [dez. 2020]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: ECA-USP, 2020. 1 arquivo. WAV (60 min.).